

DA LINGUÍSTICA ESTRUTURAL À SEMIÓTICA DISCURSIVA: UM PERCURSO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO

FROM STRUCTURAL LINGUISTICS TO DISCURSIVE SEMIOTICS: A THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL PATHWAY

Conrado Moreira Mendes¹

RESUMO: O presente artigo delinea um percurso teórico-epistemológico, que parte da linguística estrutural de Saussure e Hjelmslev, chegando à semiótica de Greimas e sucessores. O trajeto deve-se à razão de a semiótica de linha francesa (ou Escola de Paris) ser grande tributária dos pressupostos teóricos da linguística estrutural. Baseando-se numa teoria da linguagem, além de outras fontes, Greimas constrói uma disciplina extremamente coesa e complexa, capaz de examinar a produção do sentido de quaisquer textos, sejam verbais, não-verbais ou sincréticos. O artigo aporta, além disso, um dos desenvolvimentos recentes da teoria greimasiana, conhecido por *ponto de vista tensivo da semiótica*. Dessa forma, o presente texto, de caráter eminentemente teórico, enfoca as bases linguísticas subjacentes à teoria da significação erigida por Greimas, além de pôr em relevo alguns dos principais conceitos da semiótica de linha francesa.

Palavras-chave: linguística estrutural; semiótica discursiva; greimas; tensividade.

RÉSUMÉ: Cet essai présente un parcours théorique et épistémologique, à partir de la linguistique structurale de Saussure et Hjelmslev, en arrivant à la sémiotique de Greimas et ses successeurs. Cette route est due à la raison de la sémiotique française (ou Ecole de Paris) à être fortement influencé pour les hypothèses théoriques de la linguistique structurale. Greimas, fondée sur une théorie du langage de bases structurelles (entre autres sources), a construit une discipline cohérente et extrêmement complexe, capable d'examiner la production de sens de tous les textes, soit verbale, non verbale ou syncrétique. L'article prévoit, en outre, l'un des développements récents de l'Ecole de Paris, connu sous le nom de point de vue tensif de la sémiotique. Ainsi, ce texte, éminemment théorique, met l'accent sur les compétences de base qui sous-tend la théorie de la signification érigé par Greimas, et mettre en évidence certains concepts clés de la sémiotique française.

Mots-clés: linguistique structurale; sémiotique du discours; greimas; tensivite.

¹ Doutorando em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo e Bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. É mestre em Estudos Linguísticos, desde 2009, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua principalmente nas seguintes áreas: Semiótica Discursiva, Comunicação e Linguística. Desenvolve, durante o ano de 2011, estágio de pesquisa de doutoramento na Université Paris VIII, França.

Na realidade, apenas uma das diversas teorias que hoje se dedicam à abordagem do discurso e do texto pode ser considerada inteiramente comprometida com os princípios do pensamento saussuriano, trata-se da semiótica, que [...] jamais deixou de reconhecer sua dívida principal com o projeto científico globalizado de L. Hjelmslev, erigido, por sua vez, sob a metodologia linguística de Saussure.

Luiz Tatit

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a delinear um percurso teórico-epistemológico, que parte da linguística estrutural de Saussure e Hjelmslev, chegando à semiótica de Greimas² e alguns de seus sucessores. O trajeto, constituído não de forma aleatória, deve-se à razão de a semiótica de linha francesa ser grande tributária dos pressupostos teóricos da linguística estrutural.

Nosso ponto de partida é a criação da linguística moderna, pelo suíço Ferdinand de Saussure. Nessa seção, são levantados os principais conceitos saussurianos caros à teoria de Greimas. Os pressupostos teóricos do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, importante continuador da obra saussuriana, compõem a segunda parte deste texto. Hjelmslev, talvez ainda mais que Saussure, ofereceu bases epistemológicas sólidas nas quais se ancorou a teoria greimasiana. Escusamo-nos, de antemão, pelo caráter, talvez, introdutório em demasia dessa primeira revisão teórica acerca de Saussure e de Hjelmslev. No entanto, julgamos somente ser possível chegar de forma coerente à semiótica por meio desse retracado, uma vez que a teoria em questão foi edificada fundamentalmente a partir desses dois teóricos.

Desse modo, o caminho que propomos desemboca, propriamente, na semiótica estabelecida pelo lituano radicado na França, Algirdas Julien Greimas. Baseando-se numa teoria da linguagem de bases estruturais, além de outras fontes, tais como a fenomenologia e a antropologia, Greimas constrói uma disciplina extremamente coesa e complexa, capaz de examinar a produção do sentido de quaisquer textos, sejam verbais, não-verbais ou sincréticos. Por fim, o artigo aporta um dos desdobramentos recentes da teoria greimasiana, conhecido por *ponto de vista tensivo da semiótica*. Dessa forma, o presente texto, de caráter eminentemente teórico, visa a pôr em relevo as bases linguísticas subjacentes à teoria da significação erigida por Greimas, além de dar enfoque aos principais conceitos da obra desse semioticista e de alguns de seus continuadores.

O presente texto se divide em quatro partes. Nas duas primeiras, são tratados os conceitos-chave de Saussure e Hjelmslev para a Escola de Paris. Na terceira

² Também conhecida como Escola de Paris, semiótica narrativa e discursiva, semiótica (de linha) francesa, ou ainda, para prestar uma homenagem àquele que a criou, semiótica greimasiana.

parte, oferecemos um panorama do construto teórico da semiótica greimasiana para, na quarta parte, apresentar um de seus desdobramentos, baseado no conceito de tensividade.

1 A LINGUÍSTICA POR SAUSSURE

Começamos nosso trajeto pelo fundador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure. Sua obra seminal, o *Curso de Linguística Geral* (CLG), tem sua primeira edição em 1916, por Bally e Séchehay, e é uma obra póstuma, já que Saussure falecera em 1913. O livro é uma compilação das anotações de alunos de Saussure das aulas ministradas na Universidade de Genebra dos anos de 1907 a 1911.

Logo na introdução do CLG, Saussure oferece um panorama da história da linguística indicando suas três fases. A primeira se refere ao estudo da gramática, realizado inicialmente pelos gregos e depois pelos franceses. Esse estudo, segundo Saussure, nada tem de científico e não tem interesse para própria língua: “[a gramática] visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (SAUSSURE, 2006, p. 07; chaves nossas).

É curioso, pois passado um século da publicação do *Curso*, ainda faz-se necessário ao linguista sempre ter que diferenciar a linguística do estudo da gramática. Noutros termos, o ofício de linguista parece ainda remanescer na ignorância da maioria. Nesse sentido, Possenti (2008) afirma: “Quando alguém informa que é linguista causa espanto” (POSSENTI, 2008, p. 46). Trata-se de uma profissão cujas funções são pouco conhecidas. O autor esclarece a diferença entre linguistas e gramáticos. Para Possenti,

O linguista não caracteriza fatos linguísticos em termos de certo ou errado, nem a partir da autoridade de escritores ou da tradição. Classifica fatos como populares, regionais, cultos, literários etc. [...], [ele] observa fatos e tenta descrevê-los e explicá-los [...]. E como disse Saussure, para ele tudo é ‘matéria’, o que significa que leva em consideração qualquer manifestação linguística (de analfabetos, crianças; antigas, atuais), e não só as dos falantes cultos de um período vagamente definido. Para ele, a correção ‘linguística’ é um valor social, que leva em conta, mas como questão social e submetida a regras de um tipo especial, similares às que governam a etiqueta. (POSSENTI, 2008, p. 46-47; chaves nossas).

Um gramático, por sua vez, “também observa e organiza fatos [...] mas ele os coleta em textos definidos como ‘bons’” (POSSENTI, 2008, p. 46-47; aspas no original).

A segunda fase dos estudos da linguagem, denominada filologia, tem sua origem na Alexandria, mas esse termo se vincula principalmente ao movimento criado por Friedrich August Wolf, a partir de 1777, e segue existindo até a atualidade. A filologia visa a fixar, interpretar e comentar textos, por meio de seu método,

a crítica. Para Saussure, a filologia falha ao apegar-se “muito servilmente” à língua escrita, esquecendo a falada.

O terceiro período é chamado de filologia comparativa ou de gramática comparada e tem seu nome ligado, sobretudo à obra de Franz Bopp, que descobriu que o sânscrito tem parentesco com línguas indo-europeias. A crítica que Saussure faz à gramática comparada se baseia no fato de que esses estudos nunca se perguntaram a que levavam as comparações que faziam, ou seja, unicamente pela comparação, não se pode concluir nada. Para o autor do CLG, a linguística propriamente dita inicia-se por Diez, em sua *Gramática das Línguas Românicas* (1836-1838). Em seguida, com os neogramáticos, representados principalmente por Whitney, percebeu-se que a língua não é um organismo que se desenvolve por si, mas um fruto de uma coletividade linguística.

No entanto, ressalta Paveau (2006) que é Saussure quem inaugura a chamada linguística moderna, já que o CLG constitui o que a autora chama de “corte epistemológico”, ou seja, “uma maneira radicalmente diferente de se considerar os fatos da linguagem” (2006, p. 63). O trabalho do linguista suíço rompe com a perspectiva comparatista e propõe uma abordagem não histórica e sim descritiva e sistemática, o que mais tarde será chamado estruturalismo.

Para Saussure, a matéria da linguística concerne a todas as manifestações da língua humana, independentemente de se tratar de “povos selvagens ou nações civilizadas” (SAUSSURE, 2006, p. 13). A tarefa da linguística é, por sua vez,

(a) fazer a descrição histórica de todas as línguas que puder abranger [...]; (b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares à história; (c) delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 2006, p. 13).

Saussure aponta a utilidade da linguística para a cultura geral. Para ele, a linguagem constitui um fator importante na vida dos indivíduos e dos grupos sociais, e essa é uma razão para que a linguística não seja um estudo limitado apenas a poucos especialistas. Além disso, ele afirma ser a linguagem o lugar no qual se reproduzem ideias absurdas, preconceitos etc.; caberia então à linguística desmistificá-los.

Com o intuito de fundar uma disciplina, o linguista genebrino teve que definir seu objeto. Diferentemente de outros domínios científicos, nos quais o objeto precede o ponto de vista, na linguística ocorre o contrário, ou seja, é o ponto de vista que precede o objeto. Para Saussure (2006, p. 25), o fato linguístico é imperceptível e indeterminável sem a adoção prévia de um ponto de vista linguístico. Isso porque, como aponta Paveau (2006, p. 66), “os fatos da linguagem não são exteriores à experiência humana, mas fazem parte dela”. A adoção desse ponto de vista decorre da natureza da linguagem, que reside na dualidade do fenômeno vocal como tal e do fenômeno vocal como signo (SAUSSURE, 2006, p. 20-21).

O objeto da linguística não é a linguagem, mas a língua. A primeira é uma faculdade humana, muito mais vasta e menos específica que a segunda. A linguagem

engloba produção e recepção, pensamento e sua expressão fônica, dimensão individual, social e histórica. A língua é, por sua vez, “o produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 66). Em outra definição, Saussure (2006, p. 17) afirma: “a língua é um todo por si e um princípio de classificação”. Esse “todo” se refere ao sistema de signos, “onde de essencial só existe a união do sentido à imagem acústica, e onde suas duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 2006 p. 23). A língua é então um sistema de signos que exprime ideias e, para o linguista suíço, ela é comparável a outros sistemas de signos, tais como o alfabeto dos surdos-mudos, ritos simbólicos etc. No entanto, a língua é o principal desses sistemas. Assim, Saussure (2006, p. 24) vislumbra a criação de uma disciplina que se ocuparia dos signos em geral, a semiologia: “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”. À linguística caberiam os sistemas de signos linguísticos, enquanto à semiologia caberiam os demais sistemas de signos. Dessa forma, a linguística faz parte dessa ciência geral, que é a semiologia.

Para Saussure, a linguística comporta duas partes: a língua e a fala. A língua é social e independente do indivíduo, a fala, por sua vez, é individual. Para ele, a fala, como objeto da linguística, é secundária. Língua e fala estão, apesar disso, estreitamente ligadas, já que a língua é necessária para que a fala seja inteligível e a fala é necessária para que a língua se estabeleça. A língua é, ao mesmo tempo, instrumento e produto da fala, “tudo isso, porém, não impede que sejam coisas absolutamente distintas” (SAUSSURE, 2006, p. 27). Vejamos uma definição mais completa de *língua* proposta por Saussure:

A língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários. (SAUSSURE, 1996, p. 27).

Em relação à fala, Saussure afirma se tratar de combinações individuais, dependente da vontade dos que falam, atos de fonação igualmente voluntários. Para ele, nada existe de coletivo na fala. A língua é marcada por aquilo que é essencial, ou seja, o que é permanente. Ela é adquirida de maneira passiva, e é coletiva no conjunto de falantes. No plano cognitivo, ela é detida mentalmente sob a forma de marcas, de natureza psíquica, enquanto as produções de fala são marcadas pela dimensão física da fonação. Para o autor de CLG, poderíamos pensar numa linguística da fala. No entanto, a linguística saussuriana dedicou-se unicamente à língua que, não menos que a fala, é um objeto concreto. Sendo assim, ele estabelece uma hierarquia entre língua e fala. Paveau (2006) afirma, apesar disso, que as evoluções futuras das ciências da linguagem vão reclamar para si o lugar da linguística da fala, tais como a estilística, a pragmática, a análise do discurso etc.

Outro ponto importante da obra saussuriana são as relações sintagmáticas e associativas (paradigmáticas). Na esfera sintagmática, ocorre o encadeamento linear

das unidades da língua, devido à impossibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Na esfera associativa, formam-se mentalmente associações entre palavras, relações que repousam na analogia dos significados, por exemplo: *aprender, aprendizagem, desaprendendo* etc.

Outra dicotomia apresentada por Saussure é a sincronia e a diacronia. A linguística sincrônica ocupa-se das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela coletividade. A linguística diacrônica estuda, por sua vez, as relações que não se percebem numa mesma coletividade, mas são relações entre estados de língua e estados de tempo. Resumidamente, da linguagem, vêm a língua e a fala. A língua pode ser estudada sob duas óticas: a sincronia e a diacronia.

Outra dicotomia elementar se refere à natureza do signo linguístico, cujos termos, ambos psíquicos, estão unidos no cérebro. Trata-se da dicotomia significado/significante, formadores do signo linguístico. O autor do CLG salienta que a relação não é de palavra e coisa, mas entre grandezas linguísticas:

O signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos. (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Assim, Saussure chama a imagem acústica de significante e o conceito de significado, elementos que, unidos, dão origem ao signo linguístico. Salientamos que um significante não representa um significado, nem vice-versa: o signo linguístico é resultado da associação dessas duas grandezas. O primeiro princípio do signo é a arbitrariedade, já que não existe nenhum laço natural que una um significante a um significado. O linguísta suíço dá o exemplo da palavra *mar*, cuja ideia não tem nenhuma relação com a sequência de sons m-a-r.

Diferentemente do signo, o símbolo já possui algum rudimento de laço natural entre o significante e o significado. A balança é o símbolo da justiça e não poderia, por exemplo, ser substituída por um carro, afirma Saussure. O autor chama atenção à palavra *arbitrário*, que não deve ser entendida no sentido livre, mas como sinônimo de *imotivado*.

O segundo princípio do signo é a linearidade, ou seja, o significante, dado sua natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, sob forma de uma extensão que só se desenvolve numa única dimensão, como se fosse uma linha. Diferentemente de significantes visuais, que podem ter até três dimensões, o significante acústico só possui uma. Dessa forma, a palavra *cadeira* é a sequência dos sons c-a-d-e-i-r-a, necessariamente, nessa ordem.

Para Saussure, o significante possui uma cadeia sonora diferente em cada língua. Esse significante vai diferir de língua para língua e vai se combinar com um conceito que também é próprio de cada cultura, cada língua. Os conceitos de *soeur*, em francês, e *sister*, em inglês, possuem entre si uma relação de semelhança conceitual, mas não se trata, pois, de um conceito pré-existente a cada língua. Apesar

disso, a relação que a cadeia sonora *s-o-e-u-r* tem com o conceito *soeur* é uma relação fixa dentro da língua francesa, por exemplo. Essa fixidez tem a ver com o caráter imutável do signo a que se refere Saussure. Paralelamente, o signo linguístico também tem um caráter mutável, isto é, tanto significados, quanto significantes se alteram ao longo do tempo. Saussure cita a palavra latina *necare* (matar) que deu oriegem, em francês, *noyer* (afogar). Esses dois postulados indicam que a língua desenvolver-se-ia, no tempo tencionada, de um lado, pela imutabilidade e, de outro, pela mutabilidade.

Saussure afirma que, sem os signos, seria impossível distinguir ideias de forma clara e constante. O pensamento, para ele, seria uma nebulosa, onde nada estaria delimitado: não existem ideias pré-estabelecidas antes do aparecimento da língua. O autor do CLG afirma que essa indefinição também se aplica aos sons, já que esses tampouco são unidades circunscritas de antemão. A língua seria comparável a uma folha de papel, de modo que o pensamento é anverso e o som, verso. Abstraindo-se tais elementos separadamente, chegaríamos à fonologia e à psicologia puras, segundo Saussure. A linguística, então, trabalha numa zona limítrofe, de combinação de elementos de duas ordens, conceptual e acústica: “Essa combinação produz uma forma, não uma substância” (SAUSSURE, 2006, p. 131).

Assim, tanto a parte conceitual, quanto a parte sonora teriam um valor, que é o que as distingue, o que constitui relações de diferença. O que importa, portanto, não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir sons de outros sons. Um sistema linguístico seria então uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias. E essa confrontação de diferenças constrói um sistema de valores. Em *Écrits de linguistique générale*, manuscritos de um livro escrito de próprio punho pelo linguista suíço encontrado somente em 1996, Saussure (2002) aborda a questão do valor linguístico e, segundo o autor, uma forma linguística não significa, mas vale, o que implica consequentemente a existência de outros valores tanto materiais, de ordem acústica “[...] *Il n’y a pas la moindre limite définissable entre ce que les formes **valent** en vertu de leur différence réciproque et matérielle*”, quanto valores de natureza conceitual: “*ou ce qu’elles **valent** en vertu du sens que nous attachons à ces différences*” (SAUSSURE, 2002, p. 28 ; grifos nossos). É uma disputa de palavras, finaliza o mestre genebrino. Mais adiante, na mesma obra, o autor, de certa forma, resume tanto a questão do signo e da significação, quanto a do valor, que lhe é inerente. Para ele, o signo só existe em função de sua significação, da mesma forma que a significação só existe em função do signo. E tanto signo como significação só existem em função da diferença entre os signos, ou seja, seus respectivos valores. Após termos trazido os principais conceitos saussurianos caros à semiótica, passemos à obra de um outro linguista que muito contribuiu para a edificação da teoria de Greimas.

2 A PERSPECTIVA DE HJELMSLEV

Louis Hjelmslev (1899-1965), linguista dinamarquês, é criador da glossemática, perspectiva a partir da qual a língua é concebida como uma combinatória. Sua obra de maior importância, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de 1943, foi vertida

para o português brasileiro em 1975. Prolegômenos significa princípios ou noções básicas para um estudo de qualquer natureza.

Segundo Fiorin (2003), Hjelmslev opõe-se ao discurso do humanismo, uma vez que pretende apreender com premissas puramente formais a estrutura específica da linguagem. “Isso não quer dizer que ele não reconheça as flutuações e as mudanças da fala, mas significa que não atribui a elas um papel preponderante em sua teoria” (FIORIN, 2003, p. 02). Para Zilberberg (2006), a obra do linguista dinamarquês, apesar de possuir um esforço teórico incomparável, ainda possui uma difusão restrita. Traçaremos um pequeno panorama da obra desse linguista para pensá-la como devedora em parte da obra de Saussure e como influenciadora da obra de Greimas.

Logo no início do primeiro capítulo dos Prolegômenos, Hjelmslev ressalta de maneira poética a importância da linguagem humana: “[ela] é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seu sentimento, suas emoções (...), instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana” (2006, p. 1 – chaves nossas). Essa linguagem, não obstante sua importância, quer ser ignorada: “[...] é seu destino natural ser um meio e não um fim” (2006, p. 03), afirma o linguista dinamarquês. Dessa maneira, postula Hjelmslev que, apenas de forma artificial, pode haver a pesquisa de um objeto que é naturalmente um meio. A linguística como ciência deve procurar apreender a linguagem como um todo formado de aspectos físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos e sociológicos. Esse conglomerado basta-se a si mesmo, e apenas dessa maneira pode-se pensar a língua como objeto da linguística.

Para Hjelmslev, é insustentável do ponto de vista linguístico a visão de que o signo seja signo de alguma coisa. Nesse aspecto, esse autor entra em confluência com a perspectiva saussuriana. Hjelmslev utiliza o termo função semiótica para designar a relação entre duas grandezas: conteúdo e expressão. Segundo o dinamarquês, o que une a expressão ao conteúdo é a função semiótica. Essa função é solidária e pressupõe necessariamente um ao outro: “uma expressão só é expressão porque é expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (HJELMSLEV, 2006, p. 54). Na função semiótica, necessariamente, haverá solidariedade entre seus fúntivos, conteúdo e expressão. Não há, portanto, função semiótica sem a presença simultânea desses elementos. Tanto o plano do conteúdo quanto o plano da expressão subdividem-se em forma e substância. A grande mudança que Hjelmslev opera em relação à obra de Saussure é dizer, ao contrário do linguista suíço, que é a forma que antecede a substância. Vejamos como isso se deu.

Hjelmslev (2006, p. 53-64) chama de plano da expressão o que Saussure havia denominado *significante* e plano do conteúdo o que o linguista suíço designara de *significado*. Não se trata, entretanto, de termos exatamente sinônimos, uma vez que a definição hjelmsleviana compreende uma formalização que não estava presente no Curso de Linguística Geral. Para Saussure, significado e significante são definidos substancialmente e não formalmente. O linguista de Copenhague, por sua vez, vai dizer que tal definição se dá pela forma e não pela substância. Além disso, na pro-

posta de Hjelmslev, expressão e conteúdo comportam uma dimensão paradigmática e sintagmática. Expliquemos melhor essas diferenças.

Para Saussure (2006, 130), a substância do conteúdo corresponde ao contínuo do pensamento: “[...] tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado” anteriormente à língua. Os conceitos, dessa forma, para Saussure, correspondem à forma do conteúdo. De acordo com o ponto de vista do linguista genebrino, o mesmo se pode dizer da substância da expressão, isto é, trata-se de do contínuo da cadeia fônica, que ao ser recortado pela língua, dá origem, assim, aos sons (forma da expressão). Nesses termos, de acordo com o ponto de vista saussuriano, a substância precede a forma.

Hjelmslev vai dizer justamente o contrário, isto é, é a forma que antecede a substância. Para tanto, o autor chama de sentido (ou matéria) o contínuo não analisável relativo tanto ao conteúdo quanto à expressão; noutros termos, o sentido do conteúdo corresponde à cadeia de pensamento e o sentido da expressão à cadeia fônica. A forma – tanto a do conteúdo, quanto a da expressão –, por sua vez, corresponde às distinções paradigmáticas, no que se refere ao sistema, e às distinções sintagmáticas, no que se refere ao processo.

Quanto à dimensão paradigmática da forma conteúdo, as línguas recortam o contínuo do pensamento em conceitos que, por vezes, não correspondem ao mesmo conceito em outras línguas. O linguista dinamarquês mostra que as línguas estabelecem arbitrariamente suas respectivas fronteiras no espectro cromático. O que, em português, corresponde à porção compreendida em verde, azul, cinza e marrom, em galês, corresponde a *gwyrd* (zona do verde), *glas* (zona de parte do verde, azul e cinza) e *llwyd* (zona de parte do cinza e marrom). Podemos citar ainda o caso dos esquimós que dividem o branco em muitos matizes que, para nossa cultura, seriam todos eles tomados como branco. Ainda no que se refere à dimensão paradigmática do conteúdo, a língua dinamarquesa possui um pretérito e um presente, ao passo que, em línguas latinas, como o português, existem várias formas de pretérito. Isso mostra que, assim como ao espectro de cores são determinadas fronteiras arbitrárias, no caso da percepção do tempo, acontece a mesma coisa. Noutros termos, as diferenças paradigmáticas são a forma do conteúdo no que se refere ao sistema.

Expliquemos agora a dimensão sintagmática da forma do conteúdo, isto é, a organização do sentido do conteúdo (massa amorfa do pensamento) conforme as regras de cada língua. Hjelmslev toma algumas expressões (que, em português, correspondem a “não sei”) e mostra como cada uma delas se organiza de forma distinta dependendo da língua em questão. Em dinamarquês, a expressão *jeg véd det ikke* organiza-se da seguinte maneira: pronome pessoal eu + verbo saber no presente + objeto + termo que indica negação. A expressão inglesa *I do not know* arranja-se por pronome pessoal + partícula sem existência autônoma + termo de negação + conceito de saber. Em francês, como em inglês, o objeto fica clíptico e o sintagma *je ne sais pas* organiza-se da seguinte forma: pronome pessoal + termo de negação + verbo saber no presente + termo de negação complementar. Desse modo, a maneira

com que cada língua combina de modo distinto os conteúdos corresponde à forma do conteúdo no âmbito do processo.

Enfim, são as diferenças paradigmáticas e sintagmáticas do conteúdo que constituem a forma do conteúdo. Esta, por sua vez, ao recortar o sentido do conteúdo (cadeia do pensamento), dará origem à substância do conteúdo, ou seja, aos conceitos. Por essa razão, Hjelmslev diz que a forma do conteúdo é independente do sentido do conteúdo e, por isso, mantém com ele uma relação arbitrária, pois o recorta de maneira distinta dependendo de cada língua em questão. Assim, para o linguista de Copenhague, a substância do conteúdo é resultante da forma do conteúdo, razão pela qual a forma precede a substância.

O plano da expressão da língua se constitui de forma análoga ao plano de conteúdo. Hjelmslev chama de sentido da expressão a cadeia amorfa de sons. A forma da expressão, por sua vez, corresponde às diferenças constitutivas paradigmáticas (no âmbito do sistema) e sintagmáticas (no âmbito do processo) da expressão. No que se refere às diferenças constitutivas paradigmáticas, por exemplo, o português possui vogais nasais, ao passo que o espanhol não; observa-se, portanto, nesse caso, a relação paradigmática nasal vs não nasal.

A diferenças constitutivas sintagmáticas da expressão são relativas à organização de seus elementos a partir das regras de cada língua. O português, por exemplo, não admite palavras terminadas com /d/, diferentemente do inglês. Em francês, o acento tônico sempre cairá sobre a última sílaba, ao passo que, em português, a tônica pode ocorrer na antepenúltima, penúltima e última sílabas. A maneira de combinar os elementos constitui, assim, a forma da expressão no âmbito do processo. Assim como no conteúdo, globalmente, a forma da expressão corresponde às distinções paradigmáticas e sintagmáticas da expressão. A forma da expressão, por sua vez, ao recortar a cadeia fônica amorfa (sentido da expressão) dará origem, assim, aos sons da língua.

No que se refere tanto ao conteúdo, quanto à expressão, a substância de ambos (conceitos e sons) só existe em função da forma, isto é, das diferenças constitutivas paradigmáticas e sintagmáticas da expressão e do conteúdo. Por essa razão, a forma incide arbitrariamente sobre o contínuo (sentido da expressão ou do conteúdo), recortando-o de modo diferente em cada língua. Assim afirma Hjelmslev (2006, p. 61):

[...] é em razão da forma do conteúdo e da forma da expressão, e apenas em razão delas, que existem a substância do conteúdo e a substância da expressão, que surgem quando se projeta a forma sobre o sentido, tal como um fio esticado projeta sua sombra sobre uma superfície contínua.

Por essa razão, pela perspectiva de Hjelmslev, pelo fato de a forma incidir de forma arbitrária sobre o sentido, a língua não é um inventário de etiquetas com as quais serão dados nomes às coisas. Nesse sentido, é a língua que cria o mundo, que lhe dá sentido: o mundo é, pois, estruturado via linguagem.

Sendo a substância (sons e conceitos) derivada da forma, o linguista define, assim, o signo lingüístico como a reunião entre forma do plano do conteúdo e forma do plano da expressão, estabelecido pela função semiótica: “(...) parece mais adequado utilizar a palavra signo para designar a unidade constituída pela forma do conteúdo e pela forma da expressão” (HJELMSLEV, 2006, p. 62).

O dinamarquês, apesar de ter se baseado em alguns dos fundamentos de Saussure, afasta-se um pouco do modelo do linguista suíço. Para este, a língua é um sistema de signos, enquanto para Hjelmslev, a língua é um sistema de figuras que, combinadas, dão origem aos signos. Tanto a forma do conteúdo, como a forma da expressão são formadas por partes menores, os pleremas, no caso do conteúdo, e os ceremas, no caso da expressão. A glossemática ocupa-se então da relação entre essas unidades.

Para Zilberberg (2006), a obra de Hjelmslev ainda está por ser conhecida; a maior parte das apresentações elaboradas sobre sua obra “restringe, deturpa ou falseia o pensamento do grande linguista” (2006, p. 61). No entanto, é ponto pacífico que o pensamento de Hjelmslev é decisivo para o estabelecimento das bases da semiótica greimasiana, já que essa toma para si, de um lado o par expressão/ conteúdo e, de outro, o par forma/substância. O primeiro permite introduzir a função semiótica, ou seja, a maneira como se combinam o plano da expressão e o plano do conteúdo de forma incessante e mútua. O segundo par, forma/substância, permite testar e avaliar o que foi encontrado: é a partir da identidade entre forma do conteúdo e forma da expressão que se contribui para a objetivação da teoria. Outro ponto importante na obra de Hjelmslev caro à teoria semiótica é a exclusão em parte do signo. A teoria greimasiana, assim, não situa sua reflexão no nível do signo (constituído), mas nas partes do signo (constituintes). Ou seja, ao se analisar o plano da expressão e o plano de conteúdo de modo independente, a semiótica abriu para si o campo do discurso. Além disso, ao se substituir significado por plano do conteúdo e significante por plano da expressão, lançam-se bases para o estudo de textos num sentido amplo, ou seja, qualquer expressão (verbal, visual, tátil etc.) que veicule um conteúdo.

Após terem sido recuperadas as contribuições imprescindíveis dos linguistas Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, o texto se encaminha para apresentar um terceiro autor: Algirdas Julien Greimas, o qual, baseando-se nos princípios saussure-hjelmslevianos, criou uma teoria da significação conhecida como semiótica discursiva ou semiótica greimasiana, para homenagear esse que a desenvolveu. De acordo com Tatit (1997), a obra de Greimas pode ser considerada a única teoria que se dedica ao estudo do texto e do discurso efetivamente comprometida com os postulados de Saussure e Hjelmslev. Afirma Tatit (1997, p.73):

Na realidade, apenas uma das diversas teorias que hoje se dedicam à abordagem do discurso e do texto pode ser considerada inteiramente comprometida com os princípios do pensamento saussuriano, trata-se da semiótica, que [...] jamais

deixou de reconhecer sua dívida principal com o projeto científico globalizado de L. Hjelmslev, erigido, por sua vez, sob a metodologia linguística de Saussure.

Essa é a razão pela qual compusemos esse trajeto composto por Saussure, Hjelmslev e, agora, Greimas, isto é, pela continuidade natural entre suas obras. Falemos um pouco sobre o terceiro autor.

3 A SEMIÓTICA DE GREIMAS

É a partir da obra *Semântica Estrutural*, publicada originalmente em 1966, que Algirdas Julien Greimas (1917-1992), linguista lituano radicado na França, lança as bases do que será conhecido posteriormente como semiótica greimasiana, Escola de Paris ou semiótica narrativa ou do discurso. Para Greimas (1976, p. 11), “[...] o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa”. O autor acrescenta que, é pela pesquisa das significações, que as ciências humanas podem encontrar um denominador comum. Assim, a semiótica, ou o estudo do sentido, estaria na base das ciências humanas em geral. Em sua obra seminal, o autor reclama à semântica um lugar de maior destaque, junto aos outros ramos da linguística, como, por exemplo, a fonologia. O fato apontado pelo autor de a semântica ser a “parente pobre”, deriva da dificuldade em determinar métodos próprios para essa disciplina. E é justamente essa a contribuição de *Semântica Estrutural* às teorias da significação e, mais especificamente, à semiótica.

A primeira escolha metodológica feita por Greimas é tomar a percepção do sentido como “o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (GREIMAS, 1976, p. 15), ou seja, a significação se dá no nível da percepção, afirmação que também traz à tona uma vocação fenomenológica da semiótica de Greimas. Disso decorre que, a semiótica se preocupa não com o sentido ontológico, mas como o seu parecer. Outra definição metodológica greimasiana é a classificação dos significantes, segundo a ordem sensorial, como visuais, auditivos, táteis etc. Isso implica a noção de texto como tudo o que produz sentido, podendo ser considerados textos objetos tão diversos como uma fotografia, uma canção ou uma partida de futebol, por exemplo.

A concepção de estrutura para Greimas se relaciona com a afirmação saussuriana de que a língua é feita de oposições. Graças à possibilidade de perceber as diferenças, o mundo toma forma. No plano linguístico, perceber as diferenças significa captar dois termos-objetos como simultaneamente presentes, e disso decorrem duas conseqüências: (1) um único termo-objeto não comporta significação, (2) já que esta se dá pela relação entre seus termos.

A semântica estrutural, proposta por Greimas, pretende agir analogamente à fonologia, cujos fonemas são formados por femas, isto é, traços distintivos do plano da expressão. Exemplificando, o /b/ é um fonema que possui os traços de bilabialidade e vozeamento, ao passo que o /p/ possui bilabialidade, mas não possui

vozeamento. Fiorin (2003), no entanto, aponta que fazer uma análise exaustiva do plano de conteúdo, tal como propôs Greimas, resultou numa impossibilidade. A ideia de decompor signos em figuras foi abandonada, por não terem sido obtidos resultados satisfatórios, a não ser com palavras do mesmo campo semântico, como *cadeira*, *banco*, *pufe* etc. A ideia de utilizar a mesma abordagem da fonologia para a semântica foi então deixada de lado. O próprio Greimas o reconhece no ensaio *Sobre o Sentido*, dizendo:

Assim deixamos cada vez mais de considerá-lo [o sentido] como um encadeamento linear e uniplano das significações nos textos e nos discursos. Começamos a compreender o que há de ilusório no projeto de uma semântica sistemática que articularia, como uma fonologia, o plano do significado de uma língua determinada. (GREIMAS, 1975, p. 17; chaves nossas).

No entanto, Greimas (1976, p. 14), ao dotar a semântica de métodos próprios de análise, por “[...] refletir acerca das condições pelas quais seja possível um estudo científico da significação”, acaba estabelecendo as bases para a constituição de outra disciplina: a semiótica. O salto da semântica para a semiótica realizou-se quando se percebeu que o texto tem uma estruturação própria e não é uma mera somatória de frases ou de palavras. Para o autor, “só uma semiótica de formas como esta poderá surgir, num futuro previsível, como a linguagem que permite falar do sentido” (GREIMAS, 1975, p. 17). Dessa forma, a então semântica estrutural deixa de se interessar pela totalidade da descrição do plano do conteúdo das línguas naturais, e a semiótica, termo cunhado em seguida, põe em seu escopo a descrição e explicação dos mecanismos que engendram o sentido de textos em geral. Assim, extrapolam-se os domínios da semântica (a palavra e a frase) e se passa a apreender como se constrói o sentido do texto como um todo. Faz-se necessário agora definir o domínio da semiótica.

De acordo com Bertrand (2003, p. 11), “O objeto da semiótica é o sentido”, apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, pela reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia esta disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é “o parecer do sentido” (BERTRAND, 2003, p. 11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc.) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens.

Já que o objeto da semiótica é o sentido, é conveniente falar um pouco mais sobre isso. Para Greimas (1975, p. 7), é “extremamente difícil falar do sentido e dizer alguma coisa significativa”. Segundo o autor, só se poderia falar do sentido de forma conveniente se fosse criada uma metalinguagem para isso, ou seja, construir uma linguagem que não significasse nada. Sabemos, entretanto, que essa linguagem desprovida de sentido é inconcebível. Para complicar, vivemos num mundo significante e o sentido se coloca como um “‘sentimento de compreensão’ absolutamente natural” (GREIMAS, 1975, p. 12). Paradoxalmente, a língua natural nunca é denotativa, mas

possui diversos planos de leitura. Para Greimas, viver sob a constante ameaça da metáfora é um estado normal da condição humana. Assim, questionar a construção de sentidos num mundo em que as coisas parecem naturalmente significar, é uma tarefa metalinguística difícil. A descrição semiótica da significação seria, portanto, a construção de uma linguagem artificial adequada para falar da construção do sentido, “porque a forma semiótica é exatamente o sentido do sentido” (GREIMAS, 1975, p. 17).

Greimas (1975, p. 15) afirma que “o sentido enquanto forma do sentido, pode ser definido então como a possibilidade de transformação do sentido”; em outras palavras, produzir sentido é transformar um sentido dado. O sentido não é apenas o que dizem as palavras, mas ele é, antes de mais nada, uma direção. Para Fontanille (2007, p. 31), essa direção equivale a tender a algo: “[...] o sentido designa um efeito de direção e de tensão mais ou menos conhecível produzido por um objeto, uma prática ou uma situação qualquer”. A significação, por sua vez, segundo esse autor, é o produto organizado pela análise. A significação diz respeito a uma unidade, “e repousa na relação entre um elemento da expressão e um elemento do conteúdo” (FONTANILLE, 2007, p. 32). Contrariamente ao sentido, a significação é sempre articulada. Ela só é reconhecível após a segmentação e a comutação entre os termos e só se pode apreender a significação por meio das relações que uma unidade estabelece com as outras. O termo *significância*, por sua vez, diz respeito à globalidade de efeitos de sentido de um conjunto estruturado e não corresponde ao das significações. Segundo Fontanille (2007), hoje em dia, *significância* quase já não é utilizada; no seu lugar, usa-se o termo *significação*, já que não se acredita que o local (a parte) determina o global (o todo). Utiliza-se então *significação* numa acepção genérica que substitui *significância*.

A semiótica de linha francesa, de filiação saussuriana e hjelmsleviana, cujos pressupostos foram expostos nas duas seções anteriores, é, por essa razão, ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais e na concepção de que a língua é uma instituição social. A semiótica francesa, para se constituir, também foi influenciada pela antropologia e pela filosofia. Para escrever a obra fundadora da semiótica da qual já tratamos, Greimas teve como alicerce os trabalhos de Saussure e Hjelmslev. A antropologia cultural, pelos trabalhos de Lévi-Strauss e Marcel Mauss, também influenciaram a semiótica. A conexão entre as duas disciplinas está no estudo daquilo que rege e permeia o discurso: a cultura, ou seja, como ela dá forma ao imaginário humano. A última influência é um ramo da filosofia chamado fenomenologia, principalmente através da obra de Merleau-Ponty. A fenomenologia, no entanto, preocupa-se com o parecer de um objeto empírico, ontológico, enquanto, para a semiótica, o parecer é construído como tal no e pelo discurso, quer dizer, não existe a preocupação com uma correspondência entre um referente do mundo “real” e signo linguístico.

Segundo Fiorin (1999), o projeto greimasiano foi de criar uma teoria gerativa, sintagmática e geral. Sintagmática porque se preocupa não apenas com o conteúdo, mas com o texto (expressão + conteúdo); é geral porque se interessa por qualquer

tipo de texto (veiculado em qualquer materialidade); e é gerativa porque concebe o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: “constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo” (FIORIN, 1999)³. A constituição desse percurso, principalmente do nível narrativo, leva em conta o trabalho do russo Vladimir Propp, que reuniu um inventário das variantes do *Conto Maravilhoso Russo*, que somavam 31 funções.

Assim, para a semiótica, um texto pode ser fatiado em camadas, pelas quais se forma o percurso gerativo de sentido, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Temos, assim, nesta ordem, o nível fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias; a sintaxe é o mecanismo que ordena os conteúdos, e estes estão no domínio da semântica.

No nível fundamental, mais especificamente na semântica fundamental, a significação se apresenta por uma oposição, por meio de estruturas fundamentais que se opõem. Para Barros (2003), os termos dessa oposição são determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos, que podem ter um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Tais termos são negados e afirmados por meio de operações de sintaxe elementar e podem ser representados por meio de um modelo lógico de relações, chamado quadrado semiótico. A sintaxe fundamental se ocupa de tais relações, que podem ser de contrariedade, contraditoriedade e implicação. No quadrado semiótico, os termos hipotéticos *a* e *b* opõem-se, mantendo entre si uma relação de contrariedade, assim como ocorre com os termos *não-a* vs *não-b*. Entre *a* e *não-a* e *b* e *não-b* existe uma relação de contradição ou contraditoriedade. Além disso, *não-a* mantém com *b*, assim como *não-b* com *a*, uma relação de implicação ou complementaridade.

Os termos hipotéticos *a* e *b* podem ser representados por categorias semânticas fundamentais em oposição tais como vida *versus* morte, liberdade *versus* dominação etc. Salientamos que a disforia ou euforia de uma categoria semântica não se dá de antemão, mas se constrói no e pelo texto. Assim, *morte* não é necessariamente uma categoria disfórica, nem *vida*, uma categoria eufórica *a priori*. Um suicida, para quem viver é insuportável, tem a morte como categoria semântica eufórica, por exemplo. Isso, porque, de acordo com Tatit (2006, p. 199),

O ser vivo não se relaciona com [...] categorias semânticas sem nelas imprimir sua marca sensível. [...] De acordo com o contexto de exame, todo microuniverso semântico contém um índice *axiológico* [...], portador de valores considerados atraentes ou repulsivos.

No quadrado semiótico, um estado *a* não se converte a um estado *b*, sem antes passar pela negação do próprio estado *a*. Euforia e disforia são, de acordo

³ Edição online, sem numeração de páginas.

com esse autor (TATTT, 2006), articulações da categoria *foria*, que significa “força que leva adiante”. A categoria eufórica encontra-se em estado de relaxamento, ao passo que a disfórica em estado de tensão. Do mesmo modo, a categoria não-disfórica encontra-se num estado de distensão, enquanto a não-eufórica, em estado de retenção. Portanto, as relações no quadrado semiótico compõem a sintaxe, ao passo que os conteúdos organizados pelo quadrado semiótico cabem à semântica do nível fundamental.

Os conteúdos do nível fundamental são concretizados em objetos, quando convergem para o nível narrativo. Assim, nesse nível, o sujeito se encontra em conjunção ou disjunção com tais objetos. Se no nível fundamental há a oposição vida *versus* morte, no nível narrativo, podemos dizer que um sujeito está em disjunção ou em conjunção com o objeto vida. Uma narrativa compreende uma mudança de estado, que pode se realizar tanto de forma implícita ou explícita. Em outras palavras, a narratividade para a teoria de Greimas é a mudança de estado de um sujeito em relação a um objeto. No nível narrativo, especificamente na sintaxe narrativa, essas transformações obedecem a uma sequência canônica, chamada de esquema narrativo. Essa sequência é composta então de quatro fases (programas narrativos), sendo que a fase seguinte sempre pressupõe a(s) anterior(es). Dessa forma, temos a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção.

Na manipulação, um sujeito transmite a outro um querer ou um dever fazer. Para a semiótica, existem quatro tipos de manipulação: por tentação, por sedução, por provocação e por intimidação. No primeiro caso, um sujeito oferece um objeto de valor positivo a outro sujeito, caso esse aceite ser manipulado; no segundo, o sujeito cria uma imagem positiva do outro, e, para que essa imagem seja mantida, ele aceita a manipulação. No terceiro tipo, um sujeito faz uma imagem negativa do outro sujeito, com o intuito de que este faça o que se pede para reverter tal imagem e, por fim, pela intimidação, oferece-se um objeto de valor negativo, caso não for feito o que se pede.

Na fase da competência, um sujeito atribui a outro sujeito (ou a si mesmo) um saber e um poder fazer. Na terceira fase, a *performance*, ocorre a transformação principal da narrativa e, na última, a sanção, tem-se o reconhecimento de que a *performance*, de fato, ocorreu. Notamos ainda que há dois tipos de sanção: a pragmática e a cognitiva. No primeiro caso o sujeito é sancionado pragmaticamente, ou seja, recebe algum tipo de punição ou prêmio e, no segundo, existe o reconhecimento da *performance*, mas não há prêmios ou castigos de fato.

Como aponta Fiorin (1999), “a sequência canônica não é uma fôrma onde se faz caber a narrativa”, ou seja, os textos ao serem analisados podem não conter uma transformação explícita, uma vez que o programa narrativo pode ser realizado até a fase da manipulação ou da competência, sem chegar à *performance* ou à sanção. No nível narrativo, há dois tipos de objetos buscados pelo sujeito: os objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e os objetos de valor, sendo que os objetos modais são necessários para a obtenção dos objetos de valor.

Para Barros (2002), a semântica narrativa, por sua vez, é o lugar onde se realizam as atualizações dos valores. As categorias semânticas de base do nível fundamental, ao passarem ao nível narrativo, são convertidas em valores, mediante inscrição em um ou mais objetos em junção com o sujeito. Assim, tais categorias passam a ser valores narrativos e valores modais (saber, poder, querer, dever). As categorias modais ou modalidades determinam as relações que ligam o sujeito ao objeto.

As paixões, na semântica narrativa, são entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 21), as paixões aparecem no discurso criando efeitos de sentido muito particulares. Esses autores comparam tais efeitos a um cheiro que não se identifica facilmente. Para a semiótica, essa peculiaridade tem a ver com a organização discursiva das estruturas modais, principalmente no que se refere à modalização do estado do sujeito, ou seja, se está modalizado por um QUERER, um PODER, um DEVER ou um SABER. Dessa forma, o objeto desejado faz do sujeito um sujeito desejoso: “a modalização do estado incide sobre o objeto ou, mais particularmente, sobre o valor nele investido e [...] isso repercute na existência modal do sujeito” (FIORIN, 2007, p. 4). Para a semiótica das paixões, há paixões simples, resultantes de uma única modalização do sujeito, e paixões complexas, que encadeiam vários percursos modais. Fiorin (2007) exemplifica a paixão da cobiça como uma paixão simples, que se define por um QUERER-SER. A paixão da cólera, segundo Greimas (1983), tem um percurso complexo, pois pressupõe um estado de frustração, seguido por um estado de descontentamento, o qual desemboca num estado de agressividade.

No último patamar, o nível discursivo, é onde as estruturas se tornam mais concretas e complexas. Segundo Fiorin (1999):

O percurso gerativo é composto de níveis de invariância crescente, porque um patamar pode ser concretizado pelo patamar imediatamente superior de diferentes maneiras, isto é, o patamar superior é uma variável em relação ao imediatamente inferior, que é uma invariante.

Dessa maneira, um sujeito do nível narrativo, em disjunção com o objeto (vida), poderia ser figurativizado por *Estudante universitário foi morto por três tiros a queima-roupa na madrugada de ontem*. Nas estruturas discursivas, a concretização pode ocorrer tanto por tematização, por termos abstratos, ou por figurativização, por termos concretos. Assim, há textos mais figurativos, como na literatura, e textos que são mais temáticos, como os científicos. Na semântica discursiva, o texto é composto por uma recorrência de traços que a semiótica chama de isotopia, ou seja, aquilo que possibilita um ou mais planos de leitura para o texto.

A sintaxe discursiva se organiza em torno das projeções da enunciação no enunciado para persuadir e manipular o enunciatário. Essas projeções abarcam a temporalização, a espacialização e a actorialização, isto é, pessoa, espaço e tempo em que se ancora o texto. Dessa forma o uso de uma pessoa no lugar de outra, de um tempo no lugar de outro ou de um espaço no lugar de outro são estratégias que

criam efeitos de sentido que visam à manipulação do enunciatário, como mostra Fiorin (2002, p. 54):

Todos esses mecanismos produzem efeitos de sentido no discurso. Não é indiferente um narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento de enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ele*, etc.

Segundo Lara e Matte (2007), a teoria semiótica é muitas vezes acusada de ser como uma “camisa de força”, que tenta encaixar o texto a todo custo num modelo canônico. Para as autoras, ao invés disso, a semiótica se presta a “verificar os usos que o texto faz de uma dada estrutura para construir seu sentido específico” (LARA; MATTE, 2007, p. 1). Os modelos canônicos estabelecidos pela teoria semiótica, numa análise, “são convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso” (idem). É cada análise que vai, então, desconstruir o texto para perceber como são engendrados os sentidos ali presentes, o que significa dizer que cada análise será uma análise e não um modelo dentro do qual devem caber todos os elementos do texto:

Diferentemente de engessar uma análise, a narrativa tem o poder de explicitar relações lógicas que o discurso manipula a fim de produzir efeitos de sentido. Em outras palavras: se a semiótica oferece modelos (enunciativos, narrativos, figurativos e passionais) para a análise, esses modelos não são dados de uma vez por todas, mas convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso. (LARA; MATTE, 2009, p. 67).

Outra crítica recorrente à teoria estabelecida por Greimas é o fato de a semiótica ser “[...] uma teoria que desconsidera o contexto, que deixa de lado a história, que se mostra, enfim, imperdoavelmente estruturalista” (LARA; MATTE, 2009, p. 67). A semiótica prioriza, sim, o texto, ou seja, os mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido. No entanto, a teoria não ignora que os contextos histórico e social sejam também textos, que podem estar em diálogo com o texto em análise. A semiótica, portanto, ao privilegiar o texto, não exclui o contexto, “apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção” (LARA; MATTE, 2009, p. 67). Essa direção à qual se referem as autoras tem a ver com a base estruturalista, estabelecida por Saussure e Hjelmslev, a partir do princípio da imanência. Salientamos, entretanto, que foram justamente as bases estruturalistas que permitiram à semiótica adentrar os campos da enunciação, das paixões, da expressão e da continuidade.

4 O PONTO DE VISTA TENSIVO DA SEMIÓTICA

A última parte deste trajeto se refere a um dos desdobramentos que teve a teoria de Greimas, o que ficou chamado de *ponto de vista tensivo da semiótica*. A atual fase por que passam os estudos semióticos influencia-se, sobretudo, pela fenome-

nologia, o que não significa retirar as bases linguísticas da teoria. Podemos afirmar que essa virada fenomenológica teve início, ainda tímido, em *Semiótica das Paixões*, publicação de Greimas em co-autoria com Fontanille (1993)⁴. Nessa obra, as paixões são concebidas fundamentalmente como configurações modais. Em *Da Imperfeição* (2002)⁵, o semioticista lituano dá maior enfoque ao tema do sensível, à estesia, que do grego significa sensação. Assim, a semiótica calcada num puro inteligível, passou a associar-se à dimensão sensível da percepção e dos afetos no discurso. O ponto de vista tensivo da semiótica se deve aos nomes de Claude Zilberberg e Jacques Fontanille, semioticistas franceses. Outros estudiosos também têm se dedicado ao tema do sensível no âmbito da semiótica de bases greimasianas⁶, no entanto, enfocaremos, neste artigo, apenas um desses vários desdobramentos. Assim, determos-nos, fundamentalmente, nos trabalhos de Zilberberg e Fontanille para finalizar este trajeto teórico-metodológico.

O ponto de vista tensivo, erigido principalmente pela obra de Fontanille e Zilberberg, *Tensão e Significação* (2001), e, posteriormente, de forma mais aprofundada por Zilberberg (2006) em *Elements de Grammaire Tensive*, distingue-se do *modus operandi* greimasiano pela concepção de um sentido de natureza contínua e não estática e discreta. O ponto de vista tensivo apresenta-se de forma complementar à semiótica de Greimas, pois se interessa pelas nuances, complexidades e imbricações ocorridas no discurso. Dessa forma, a principal característica da semiótica tensiva é introduzir o contínuo à teoria. Assim, se a significação é apreensível pela discretização, esta opera sobre um *continuum*, que já constitui uma potencialidade de sentido. Levando em conta a continuidade, torna-se possível compreender determinados fenômenos linguísticos e textos, nos quais o contínuo e o gradual são tematizados. Na fase que se costuma chamar estruturalista da linguística e da semiótica, o sentido, que é um objeto dinâmico, transformava-se num modelo estático, como vimos com o quadrado semiótico. Esse modelo eliminaria de seu campo de estudo o caráter gradual do sentido. Assim, a semiótica tensiva procura analisar as figuras da ordem da instabilidade, do devir, da gradiência etc., objetos que não estavam inicialmente no escopo da semiótica.

A semiótica tensiva não se apega à ideia de estruturalismo, mas à noção de estrutura, que segundo Hjelmlev, é uma “entidade autônoma de dependências internas” (HJELMSLEV, 1991 p. 29). Isso quer dizer que se mantém a ideia de que a significação nasce das relações, mas não há um compromisso com as oposições privativas. Além disso, por essa perspectiva, o contínuo e o descontínuo são modos pelos quais o sentido se apresenta.

Segundo Fontanille (2007, p. 75), antes de qualquer categorização, uma grandeza para o sujeito do discurso se expressa em uma “presença sensível”, o

⁴ Primeira edição em francês data de 1991.

⁵ Primeira edição em francês data de 1987.

⁶ Citamos os nomes de Eric Landowski e Jean-Claude Coquet, semioticistas com vários trabalhos sobre o tema do sensível.

qual deriva do conceito fenomenológico *campo de presença*. A presença se efetua em termos de intensidade, da ordem do sensível, e extensidade, da ordem do inteligível. Por exemplo, em relação aos elementos naturais, antes de reconhecermos a água, reconhecemos o fluido. Cada efeito de presença, para ser qualificado de fato como uma presença, associa, de um lado uma extensidade (posições e quantidades) e, de outro uma intensidade (forças).

Para a semiótica tensiva, a articulação entre intensidade e extensidade é chamada de correlação: “a correlação será estabelecida a partir de uma certa qualidade e de uma certa quantidade da presença sensível antes mesmo que uma figura seja conhecida” (FONTANILLE, 2007, p. 76). Tensividade é, portanto, o eixo semântico em que se articulam intensidade e extensidade. Tanto a intensidade como a extensidade são eixos graduais, e no espaço compreendido entre eles se realiza a correlação.

Considerando o espaço interno entre os dois eixos, todas as combinações entre intensidade e extensidade são possíveis. Existem dois tipos de correlação: a direta e a inversa. No caso da primeira, quanto maior a intensidade, maior será a extensidade e, no caso da inversa, quanto menor a intensidade, maior será a extensidade. Valores são, dessa forma, posições relativas dessas correlações, ou ainda, diferenças entre essas posições. As valências, intensidade e extensidade, são, por sua vez, os dois eixos do espaço externo do campo de presença, conforme Fontanille e Zilberberg (2001).

Zilberberg (2006), no entanto, ao refinar ainda mais o modelo tensivo, passa a denominar tais grandezas de dimensões. Isso porque as então valências intensidade e extensidade passam a subdividir-se em subdimensões. A intensidade possui as subdimensões andamento e tonicidade. O andamento se refere ao ritmo como um objeto penetra no campo de presença de um sujeito. A tonicidade, por sua vez, diz respeito à força como esse objeto entra nesse campo. A extensidade, por seu turno, possui as subdimensões da temporalidade e da espacialidade. No primeiro caso, trata-se da duração de uma presença sensível e, no outro, ao aumento/diminuição do campo de presença do sujeito que percebe. No caso das subdimensões, as relações são sempre conversas, isto é, quanto maior a tonicidade, mais forte o andamento, e quanto menor a tonicidade, mais lento o andamento. Da mesma forma, quanto maior a espacialidade, maior a temporalidade e quanto menor a espacialidade, menor será a temporalidade.

É importante salientar, finalmente, que a intensidade regula a extensidade, de modo que o tempo e o espaço são controlados pela intensidade e andamento. Noutros termos, pelo ponto de vista tensivo da semiótica, o sensível rege o inteligível, daí a razão de esta ser considerada um virada fenomenológica no âmbito da semiótica. Dessa forma, podemos afirmar que a semiótica tensiva busca uma teorização sobre a natureza do sensível além de perceber o sentido como um contínuo. Assim, se o estruturalismo negligenciou a “elasticidade” do discurso, a semiótica tensiva busca conjugar as relações da estrutura, levando em conta os diferentes graus de intensidade e extensidade, ou seja, estados de alma e estados de coisa ou, mais usualmente, emoção e razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico-epistemológico a que nos propusemos visou a estabelecer as bases linguísticas da semiótica de Greimas, além de trazer à luz o construto teórico greimasiano e apresentar, ainda que brevemente, um de seus desdobramentos: o ponto de vista tensivo da semiótica. Fiel à sua herança linguístico-estrutural, a semiótica ampliou grandemente seu escopo em seus aproximadamente 50 anos de vida. Passou a integrar estudos sobre enunciação (principalmente no que se refere à sintaxe discursiva)⁷ e sobre o sensível, tal como vimos no tocante à tensividade.

Podemos concluir que se agregou a uma semiótica do descontínuo, do discreto, uma semiótica do contínuo, do gradual, em complemento (e não substituição) à primeira. Sem abandonar suas bases calcadas no primado da imanência, as quais possibilitaram a criação dessa disciplina sólida e coerente, a semiótica hoje é uma disciplina plenamente apta a analisar quaisquer tipos de textos, considerando-se a produção de sentido de maneira categorial ou gradiente.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do discurso*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- FIORIN, José Luiz. A semiótica tensiva. In: LARA, Gláucia M. P.; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- _____. Paixões, afetos, emoções e sentimentos. *Cadernos de semiótica aplicada*, v. 05, n. 02, dez. 2007.
- _____. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia, Revista de Comunicação Semiótica e Cultura*, São Paulo, v. 5, p. 19-52, 2003.
- _____. *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas/Discurso Editorial, 2001.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- _____. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

⁷ Ver Fiorin (2002).

_____. De La Colère. In: _____. *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Editions du Seuil, 1983. p. 225-24.

_____. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisa aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *Ensaio lingüísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Semiótica greimasiana: iniciando a conversa*. In: SEVFALE - Semana de Eventos da Faculdade de Letras, 6., 2007. Anais..., Belo Horizonte, 2007. p. 1-8.

_____. Semiótica greimasiana: estado de arte. In: PINTO, Julio; CASA NOVA, Vera (Org.). *Algumas semióticas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. v. 1, p. 67-76.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

POSSENTI, Sirio. Como água e óleo. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 32, p. 46-48, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002.

TATTI, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Musicando a semiótica: ensaios*. São Paulo: Annablume, 1997.

ZILBERBERG, Claude. Síntese da gramática tensiva. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, n. 25, p. 163-204, 2006.

_____. *Elements de Grammaire Tensive*. Limoges: Pulim, 2006.

_____. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.